

VISIBILIDADE PORNOGRÁFICA E CONSUMO: intimidade, desejo e sexo virtual pago em site de webcam

PORNOGRAPHIC VISIBILITY AND CONSUMPTION: intimacy, desire and consumption on site paid webcam

Allyson Darlan Moreira da Silva¹

PPGCS/UFRN: <http://orcid.org/0000-0001-6268-3044>

Kelvis Leandro do Nascimento²

PPGCS/UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-4801-4455>

DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n27ID16487>

Resumo

Neste artigo nos propomos investigar as dinâmicas de interação, consumo e práticas sexuais realizadas no site de webcam denominado *Câmera Privê*, dissertando sobre o modelo de produção da indústria pornográfica na atualidade e as transformações que a mediação da vida social pelos dispositivos digitais de comunicação tem gerado no campo da sexualidade humana. No atual regime de hipervisibilidade, partindo da ideia de sociedade pornográfica em Byung-Chul Han (2017), discorreremos sobre como o narcisismo é potencializado pelo acesso crescente a web, tornando as sujeitos mais suscetíveis à vigilância, hiperconsumo, controle e perda da identidade e singularidade subjetiva.

Palavras-chave: Sexo virtual; Pornografia; Prostituição; Hiperconsumo; Visibilidade.

¹ Email: allysonjornalista@hotmail.com.

² Email: kelvis_nascimento@hotmail.com.

Abstract

In this article we propose to investigate the dynamics of interaction, consumption and sexual practices carried out on the webcam site called Privê Camera, discussing the production model of the pornographic industry in the present time and the transformations that the mediation of social life by digital communication devices has generated in the field of human sexuality. In the current regime of hypervisibility, starting from the idea of pornographic society in Byung-Chul Han (2017), we discuss how narcissism is enhanced by increasing access to the web, making subjects more susceptible to surveillance, hyperconsumption, control and loss of identity. subjective singularity.

Keywords: Virtual sex; Pornography; Prostitution; Hyperconsumption; Visibility.

Sociedade pornográfica

O regime contemporâneo de visibilidade tem transformado profundamente as experiências sexuais e suas mais diversas formas de aproveitamento pela indústria do sexo, que no início dos anos 2000 ainda concentrava suas receitas nas vendas físicas de revistas, fitas VHS, DVDs e no licenciamento para exibição em canais fechados de televisão pelo mundo. A popularização em ritmo crescente do acesso à internet, sobretudo nos grandes centros urbanos, e da mediação das relações sociais por dispositivos digitais de comunicação, por sua vez, promoveram um rearranjo profundo na indústria erótico-pornográfica mundial, que teve de se adaptar à predominância da produção amadora compartilhada em rede e o consumo gratuito por meio de *streaming*.

Se antes a indústria pornográfica detinha a centralidade da produção, distribuição e da construção social sobre papéis de gênero, relações de poder e performances no campo do imaginário da sexualidade humana, o caráter autônomo e coletivo atribuído à internet tem promovido fissuras com novas formas de narrativas, consumo e sociabilidade em torno do desejo. O terreno é fértil para a pós-pornografia, movimento surgido na década de 1980 nos Estados Unidos, que reivindica novas formas de se fazer filmes adultos, contrariando o que é usual na

indústria pornográfica hegemônica e dando mais espaço para pessoas transexuais, negras, homossexuais, com algum tipo de necessidades especiais e transgressões ao padrão do corpo branco ocidental, atlético e centralizado no falo. Dados levantados pelo *RedTube*³, um dos maiores sites de conteúdo adulto na internet, mostra que os brasileiros já são o que mais consomem pornografia com mulheres trans no mundo, apesar de contraditoriamente também liderar o ranking dos países em que mais se comete crimes contra transexuais.

A pornografia de massa, apesar de perder cada vez mais espaço para o consumo segmentado em sites especializados e aplicativos de webcam, contribuiu para consolidar no imaginário social o modelo do *star system* da indústria cinematográfica hollywoodiana e o fetichismo das performances sexuais de alto desempenho, forjadas pela dilatação do tempo fílmico, edição e teatralidade, inalcançáveis para a realidade da vida concreta.

A partir da década de 1980, e mais intensamente na virada do século XXI, assistimos a passagem de uma produção massiva do capitalismo para o consumo de nicho, um capitalismo que incentiva o individualismo e o narcisismo.

Com a individualização galopante que põe abaixo o antigo poder organizado das instituições, a hipermodernidade aparece como uma época de pluralização dos modelos, de busca identitária e de autorreflexividade generalizada. (LIPOVETSKY & SERROY, 2009, p.31).

Nesse sentido, vai emergir a partir dos anos 2000 inúmeros produtos e serviços que pretendem potencializar a experiência do consumo da pornografia, até então restrita a suporte físico de gravação e impressão, canais fechados de televisão e no circuito cinematográfico. Surge sites como o *PornHube*, *XVideos*, *RedTube*, com oferta de conteúdo próprio, terceirizado e, predominantemente, amador, enviado por milhões usuários em todo o mundo; aplicativos que permitem sexo por vídeo conferência, *sex dolls* hiper-realistas e plataformas on-line que

³ *Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube - e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas.* Disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>. Acesso em 13 jul 2018.

hibridizam a atividade do suíngue e da prostituição, agora virtualizada, como o *Câmera Privê*.

Para o teórico sul-coreano Byung-Chul Han (2017), a contemporaneidade é marcada por uma sociedade da transparência, onde o valor do culto é transformado - e aqui ele retoma a ideia de aura da obra de arte de Walter Benjamin -, em valor da exposição. Os sites de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat*, líderes no segmento no mundo ocidental, dão vazão ao narcisismo ostentativo sedento por *likes*, funcionando como vitrines onde a intimidade é negociada, vendida e consumida como mercadoria (HAN, 2017). Todavia, essa exposição exacerbada estaria, através dos rastros que deixamos nas redes sociais na internet (o que curtimos, seguimos, compartilhamos) e pesquisas no Google, permitindo identificar nossas preferências e direcionando para um consumo massivo, exercendo ainda a vigilância total - não mais como um ataque à liberdade, mas como entrega do próprio sujeito ao olhar do panóptico digital (2017). Assim, Byung-Chul Han relaciona metaforicamente o regime de visibilidade em curso à noção de pornografia. A sociedade pornográfica, portanto, é aquela cuja intimidade dá lugar à dicotomia generalizada do voyeurismo/exibicionismo, da exposição desmedida, onde não há o que se esconder.

Dessarte, este artigo pretende investigar as dinâmicas de interação, consumo e práticas sexuais realizadas no site de webcam denominado *Câmera Privê*, dissertando sobre o modelo de produção da indústria pornográfica na atualidade e as transformações que a mediação da vida social pelos dispositivos digitais de comunicação tem gerado no campo da sexualidade humana.

Quarto-mundo

A luz do Sol já não passa pela janela com tanto brilho quando me levanto⁴ para conferir se a porta da sala está fechada. Sinto uma ansiedade, envolto por uma excitação angustiante.

A excitação do pesquisador face ao sujeito de estudo expõe uma discussão já superada nas ciências humanas, a da neutralidade

⁴ Fragmento inédito da pesquisa de campo realizada durante os anos de 2016 e 2017.

científica. Nesse estudo sobre relacionamentos sexuais virtuais é de se convir que o pesquisador em questão seja sexual e, por isso, lida a todo instante com o desejo alheio ciente da pulsão mais íntima que também o confere. Não há como separar as duas coisas, apesar dos riscos que se apresentam. (AUTOR, 2017, p. 39)

Certifico-me que estamos a sós. Volto os meus olhos para Diego⁵, sentado em uma cadeira usando apenas uma camisa regata branca e uma cueca samba-canção de mesma cor. - Estou excitadíssimo, vem!, Convida-me. Diego nasceu no Rio Grande do Sul, 27 anos, de aproximadamente 1,80 de altura e 80 quilos. Branco, com barba rala, cabelo loiro levemente ondulado para a direita e um rosto jovial e com traços tímidos, parece um retrato típico de um gaúcho urbano. Estamos excitados, atentos um ao outro.

Enquanto me posiciono à sua frente, Diego baixa a cueca e mostra uma dúzia e meia de centímetros uniformes, bem distribuídos em sua dimensão. Eu já não disfarço empolgação quando aceito o convite para uma masturbação recíproca. Meu corpo se torna um percurso em passos lentos e macios. Àquela altura, já não sabia mais o que eram minhas ou suas mãos, pois meu toque já era seu e o seu, o meu. Diego estava próximo, precisamente entre minhas pernas. No seu rosto, via excitação a cada avanço, cada passo dado rumo ao *grandfinale*. Alguns sussurros, palavras de baixo calão e gemidos de sua parte sonorizavam o silêncio do quarto, abafados pela angústia de se fazer ouvido. Minha mão parecia querer atravessar-me com tamanha força que o sangue pulsava a todo vapor, incentivado, sobremaneira, pela imagem à frente.

Até chegarmos ali, fora necessário um tempo de conversa. Entre dezenas de modelos disponíveis no site Câmera Privê, Diego foi selecionado aleatoriamente na seção “Garotos”, antes que pudéssemos explorar as demais, “Garotas” e “Transex”. Ele era um dos primeiros, de acordo com a organização do site que classifica segundo o tempo de acesso. Os últimos modelos a entrar online aparecem no topo da página, seguidos pelos os que estão há mais tempo “logados” e, posteriormente, aqueles que já saíram e estão off-line. Os perfis dos modelos

⁵ Nome fantasia que utilizaremos para não divulgar o nome do modelo, tendo em vista que neste momento da observação ele não foi avisado que estava fazendo parte de uma pesquisa.

aparecem em janelas graficamente quadradas, lado a lado em fileiras de cinco e colunas com barra de rolagem ilimitada nas versões desktop e mobile. O site aposta em uma arquitetura ergonômica para facilitar o acesso por smartphones, que em 2017 representava 75% da forma que era acessado esse tipo de conteúdo no *Pornhub*, líder mundial de pornografia na internet, ante 1% em 2008⁶. O formato quadrado de cada janela permite uma distribuição harmônica e de fácil navegabilidade em telas responsivas de *smartphones* e *tablets*, em que a condução do clique pelo mouse dá lugar ao toque dos dedos.

O início da conexão se deu por meio de falas intimistas, com perguntas sobre onde morávamos, idade e interesses naquela conexão, ainda que as recorrentes consultas ao celular na mão direita de Diego indicassem que não estivéssemos a sós. Acompanhado por um notebook posicionado entre as pernas do pesquisador, Diego em poucos momentos do dia tivera acesso ao que acontece do *outro lado* da tela enquanto realiza suas performances. Geralmente atende clientes sem vê-los, seduz sem saber a quem. Diferente de uma dança, coreografada e com sucessivos passos marcados, é através de códigos socialmente construídos em torno do corpo erótico masculino que o roteiro do performista se constrói na tela e elabora um ambiente dicotômico de exibicionismo/voyeurismo. Braços largos, barba rala, camiseta regata e vestindo uma cueca samba-canção, Diego evidencia aspectos característicos da virilidade masculina a seu favor sentado de pernas abertas e com a câmera posicionada de modo que enquadra de seus joelhos até a metade do rosto.

Enquanto ouve o cliente falar, Diego em vários momentos encara a webcam como quem olha profundamente nos olhos de alguém. Lábios enquadrados, constantemente umedecidos pela língua, parecem expressar uma excitação nas palavras ouvidas, ainda que não sejam eróticas. Ele alisa as pernas, incita uma nudez que parece tardia, com as mãos se aproximando de seu pênis, e assim vai prolongando a conexão. O exibicionismo a que o modelo se submete, outrora definido pela psicanálise como uma expressão escusa da sexualidade humana, encontra no atual contexto hipermidiático de reality shows, sites como o *Câmera*

⁶ O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet. Nexo Jornal. Consultar bibliografia.

Privê e em redes sociais na internet uma vazão sem precedentes, em que a fechadura da porta se mundializa em telas de smartphones, televisores e computadores, disponível a um público diverso e planetário.

Quando apenas cliente e modelos estão sozinhos na sala de bate-papo via webcam, um jogo de negociação parece se estabelecer entre o modelo, que tentará ficar o maior tempo possível online para ganhar dinheiro do cliente, e este que por sua vez objetiva ter o gozo recíproco, mas sem gastar todas as suas fichas. Cada peça de roupa tirada provoca os olhares ansiosos de clientes, que incentivam os modelos com doações em dinheiro à espera do grande momento em que a nudez será exposta e o jogo da sedução traduzirá o investimento no gozo tão esperado. Na interação com o Diego, cerca de R\$50 foram gastos em um intervalo de menos de uma hora de conexão.

O site de relacionamento *Câmera Privê*⁷ é uma das mais famosas páginas de interação social através do uso de webcams para fins sexuais, seja para relações virtuais entre dois ou mais membros ou mesmo consumo e produção de imagens de exibicionismo sexual online. Operado pela Dark Media Group LTDA, com sede em São Paulo, *Câmera Privê* oferece ao usuário um ambiente virtual para interação com outras pessoas através de texto, áudio e/ou vídeo em tempo real, 24 horas por dia, todos os dias da semana.

Destinado para maiores de 18 (dezoito) anos, o site oferece seu conteúdo de forma parcialmente gratuita. O visitante que queira assistir aos shows e conversar com o modelo o fará mediante registro e compra de pacotes de crédito, usados para pagar por minuto de shows, ter acesso às fotos e/ou vídeo exclusivos e dar gorjetas aos performistas. O modelo escolhe quanto quer cobrar por minutos de exibição (preços variam de 0,90 até 2,55 créditos por minuto) e conceber a sua performance. Após a apresentação, o usuário (cliente) poderá fazer uma avaliação com notas de 0 a 10. Caso queira manter o contato e acompanhar as atualizações de fotos e vídeos do modelo, o site oferece a possibilidade do cliente seguir o seu perfil.

⁷ Endereço: www.cameraprive.com.br. Acessado ao longo de 2015 e 2016.

Para ter acesso às transmissões do site não se faz necessário cadastrar as informações pessoais, mas só a opção de *login* (oferecida de forma gratuita) permite ao usuário ter acesso aos *chats* e conversar com os modelos durante o show na webcam. Além disso, o usuário cadastrado pode também fazer sua própria transmissão e ganhar contribuições em dinheiro dos seus espectadores.

No *Câmera Privê*, os modelos são pagos durante os seus shows baseado no total de fichas enviadas pelos espectadores como gorjetas, com tarifas que chegam a R\$2,50 por minuto de exibição, além dos presentes que os clientes podem oferecer. Os modelos podem escolher o dia e a hora de trabalhar, e recebem até 65% de todo dinheiro arrecadado no show (a outra parte fica com o site, pelo custo da mediação) através de depósito em conta. Os pacotes de crédito variam entre R\$29,90 e R\$299,90, com transações feitas com intermédio da *PagSeguro* através de cartão de crédito, boleto bancário, depósito online e saldo do próprio *PagSeguro*. Para garantir a discrição do cliente, a cobrança na fatura vem com o nome “PagSeguro*Conteúdo”, de modo a não expô-lo. Essa prática é muito comum também em transações feitas em motéis e sex shops, ambientes em que os clientes costumam pedir discrição. Segundo tabela exibida no site, em média, a tarifa de um *Chat Privado* é de 2.40 créditos por minuto e do chat simples é de 1.35 créditos por minuto. Um pacote de 30 créditos dá direito em média a 22.2 minutos de show simples.

Os primeiros dois minutos de acesso à janela de um modelo são gratuitos e um relógio indica o tempo passar decrescentemente no canto superior direito. Para conversar com ele ou mesmo ligar a webcam para que também veja quem está “do outro lado”, é necessário que o cliente invista R\$2,50 por minuto exibição. Quanto mais tempo o cliente permanece logado à janela, mais o modelo ganha. E é justamente aí que os modelos precisam mostrar desenvoltura e manter o cliente o maior tempo possível conectado à sua janela.

O primeiro minuto é também o mais importante, pois é nesse tempo que o modelo irá ou não corresponder às expectativas do cliente, podendo gerar continuidade ou interrupção imediata da conexão. Esse tipo de relação dialógica John B Thompson (2009) define como quase-interação mediada, atribuindo dois

aspectos que são de particular importância, segundo ele, para a natureza dos relacionamentos pessoais que surgem através da mídia:

Primeiro, como a quase-interação mediada se estende através do espaço e do tempo, ela possibilita uma forma de intimidade com outros que não compartilham o mesmo ambiente espaço-temporal; em outras palavras, ela possibilita uma “intimidade à distância”. Segundo, como a quase-interação mediada não é dialógica, a forma de intimidade que ela estabelece não tem caráter recíproco, isto é, não implica o tipo de reciprocidade característica da interação face a face. (THOMPSON, 2009, p. 191)

Diferente das relações face a face, na quase-interação mediada (o quase é usado pelo autor no sentido de expressar determinada especificidade em relação àquela que se dá atômica) possui algumas atrações e custos. Se um cliente que busca michês para serviços sexuais com certa discrição, por exemplo, precisa se deslocar e se expor a alguns riscos - como ser reconhecido na rua, fazer um investimento de interpersoalidade face a face ou mesmo a ser vítima da violência urbana -, na interação mediada por dispositivo digital, por sua vez, não há exigência de reciprocidade e complexidade que são características de relacionamentos que se dão face a face (THOMPSON, 2009). Essas facilidades que os dispositivos digitais oferecem são atrativas principalmente para usuários homossexuais e aqueles cujos desejos são marginais às normas sociais vigentes, praticamente a totalidade do público que procura homens e pessoas trans no *Câmera Privê*. É como mostra também a pesquisa realizada por Richard Miskolci (2017) sobre homossexuais que buscam por parceiros sexuais ou amorosos na internet.

Diante da histórica marginalização dos locais de encontros gays, o serviço comercial dos aplicativos acena com o que antes era praticamente impossível: buscar um parceiro do mesmo sexo se expor no espaço público, ou seja, sem temor, vergonha e, fato a ser sublinhado, sem ter que reconhecer a si mesmo como parte do segmento homossexual. O chamado “meio gay”, tido por muitos homens como um espaço físico contaminando e contaminante, parece se encerrar em uma geografia evitável. (MISKOLCI, 2017, p. 13).

“Você é lindo, que delícia”, disse Diego, repetidamente. Palavras semelhantes foram proferidas por Angel e Patrícia, modelos da seção “Garotas” e “Transex”. “Fica aqui comigo, gato”, sugeriu Angel. Esses diálogos, estabelecidos entre modelos para um único cliente, pretendem demonstrar intimidade, um suposto interesse particular para com o outro que dá àquela relação um sentido especial, único. Diego se mostra um verdadeiro especialista nisso. O olhar tímido, jovial e sereno, alinhado com a conversa sedutora, simula um desejo fascinante pelo outro. Não é de se estranhar, portanto, que um cliente de primeira viagem - com interesses afetivos - comece a se sentir atraído mais profundamente por ele. “Quando isso acontece, de alguém querer ir mais além e sair comigo presencialmente, deixo bem claro que sou profissional”, explica Diego. A simulação da excitação, do interesse recíproco e a simpatia no trato com o outro se assemelha, de alguma forma, ao atendimento feito por um vendedor a um cliente à procura de um objeto de sua satisfação. O produto à venda não está na prateleira de uma loja, mas representado em um corpo sujeito objetificado na tela de um dispositivo de comunicação, cuja persuasão do ávido vendedor se encontra nas curvas de um corpo voluptuoso e sexual, atraindo o cliente para seu quarto-loja até conseguir a produtividade necessária à sua permanência na esteira comercial.

Ainda de acordo com Miskolci, diferente dos clientes e michês estudados por Nestor Perlongher em São Paulo (*Negócio de Michê*, 2008) que percebem que a relação é de mercado, mas que muitos pagam por sexo em troca de amor, na ambiente digital essa busca tem sentido inverso. “Pelo seu caráter comercial e estética midiática, tende a transformar a busca amorosa em sexual”

[...] lançando os usuários numa teia de negociações de capitais diversos (corporal, cultural, simbólico), na qual a barganha se dá nos mesmo termos da clássica fase da “entrevista”, que antecede o intercurso sexual entre trabalhadores do sexo e seus fregueses. (MISKOLCI, 2017, p. 15).

A sala de bate-papo, onde usuários e modelos se encontram, é um espaço virtual de interação pública, coletiva e com códigos sociais que se assemelham ao tradicional espaço físico. Faz-se apresentação do tipo “quem sou”, “o que curto” e “o que busco aqui”. O corpo desnudo e erótico é oferecido no hall do espaço

público de uma sala, mas é apenas no privado que se torna acessível, ainda que o site *Câmera Privê* esteja disponível a uma vasta audiência.

Vitrine do sexo

Segundo Fernanda Bruno (2005), os efeitos das tecnologias de comunicação sobre a noção de esfera pública e privada são características das sociedades contemporâneas, tendo em vista que a própria mídia de massa tem ocupado o papel de esfera pública.

A onipresença dos meios de comunicação de massa como mediação necessária da realidade social, política, econômica, cultural nos habituou a uma forma de existência desta “realidade” que é intimamente dependente da sua visibilidade midiática. Todos nós sabemos que aí se pauta o que vem a ser interesse comum, público. Esta esfera pública midiática já é parte de nosso cotidiano e nos é diariamente entregue em domicílio, penetrando em espaços tradicionalmente privados e afirmando-se como o médium por excelência que conecta o público e privado (BRUNO, 2005, p.55)

O exibicionismo sexual, que há algumas décadas tinha como ápice as performances de *strip-tease* de modelos em salões repletos de homens em boates adultas nas grandes metrópoles mundiais, alcança um nível mais alto de penetração na sociedade ao potencializar a satisfação em se expor ao olhar do outro através de reality shows, redes sociais na internet, blogs, aplicativos de smartphones e em sites como o *Câmera Privê*. Se antes era a vida privada das celebridades que evocava interesse público, atualmente somos todos potencialmente palco e plateia nos meandros das mídias sociais.

Este [indivíduo comum] é chamado a ocupar o outro lado da tela, a passar de consumidor de imagens a ator de sua própria vida e de seu próprio cotidiano, naquilo mesmo que ele tem de mais corriqueiro e ordinário. É como se o princípio da visibilidade, que já se sobrepôs ao princípio da realidade no âmbito mais amplo da cena pública, se estendesse às vidas e existências privadas, que passam a requerer a visibilidade como uma espécie de direito ou condição almejada de legitimação e reconhecimento. (BRUNO, 2005, p.56)

Em *Câmera Privê*, o público e privado não se trata apenas daquilo que se torna público ou que se restringe, mas da capacidade que o nível dessa exposição pode representar de valor real de lucro negociado. O corpo objetificado na condição de mercadoria se coloca como instrumento de barganha, onde cada peça roupa tirada, cada posição ou gesto obscuro encenado representa um jogo de negociação entre sujeito desejante e desejado, cliente e mercadoria. Neste sentido, há necessariamente a hierarquização de atributos valoráveis, como corpos brancos e sarados sendo os mais desejados. Para Larissa Pelúcio (*apud* MISKOLCI, 2017) essa lógica mercadológica modula não só as buscas, mas as subjetividades, através do “empobrecimento dos laços afetivos e criação de subjetividades frágeis e incapazes de lidar com demandas relacionais” (p. 14).

Apesar da relação de consumo, parte dos modelos do *Câmera Privê* possuem empregos formais, exercidos ao longo do dia, e utilizam o site muito vezes sem o propósito de ganhar dinheiro, mas apenas interagir com pessoas de vários países, criar uma rede, se divertir ou agregar valor simbólico. Outros modelos incrementam a renda formal com os ganhos do site, e somente alguns vivem exclusivamente do dinheiro proveniente das interações pagas.

Sites como o *Câmera Privê* formam com outras mídias especializadas em conteúdo adulto e nos mais diversos serviços e produtos eróticos uma gama de possibilidades de consumo do sexo na contemporaneidade, movimentando um mercado lucrativo em todo o mundo. Jean Baudrillard (2007) aponta que a sexualidade vem atrelada à sociedade do consumo, sobredeterminando espetacularmente todo o domínio significativo das comunicações de massa. Para ele, tudo que é oferecido para ser visto ou ouvido assume ostensivamente a vibração sexual, deixando claro estar ao mesmo tempo a sexualidade enquanto proposta de consumo.

[...] por meio da indexação cada vez mais sistemática da sexualidade nos objetos e nas mensagens comercializadas e industrializadas, acabam estes por ser desviados da racionalidade objetiva e aquela da sua finalidade explosiva. A mutação social e sexual realiza-se assim por caminhos traçados, cujo terreno experimental permanece o erotismo cultural e publicitário (BAUDRILLARD, 2007, p. 191).

O crescimento do consumo da pornografia e das relações sexuais virtuais são reflexos das mudanças profundas nas relações mútuas do sexo, bem como na relação individual dos sujeitos ao corpo e ao sexo. Baudrillard (2007) aponta ainda para uma urgência real dos problemas sexuais. Ele indaga se o anúncio sexual da sociedade moderna não atuaria como álibi para os próprios problemas e se, por meio da oficialização sistemática, não se dará uma evidência enganadora de liberdade, “que mascara as suas profundas contradições” (BAUDRILLARD, 2007, p. 153). Alguns desses sintomas remetem a ideia de “comunidades destrutivas” elaborada por Richard Sennet, em *O Declínio do Homem Público* (1999), ao apontar como principal efeito da ascensão da cultura narcísica o enclausuramento do sujeito, temeroso em construir relações sociais, em micro círculos fechados onde “a procura por interesses comuns é destruída pela busca de uma identidade comum” (p. 319).

As pessoas somente podem ser sociáveis quando dispõem de alguma proteção mútua; sem barreiras, sem limites, sem a distância mútua que constitui a essência da impessoalidade, as pessoas são destrutivas, não porque a natureza do homem seja malévola [...] mas porque o efeito último da cultura gerada pelo capitalismo e pelo secularismo modernos torna lógico o fratricídio, quando as pessoas utilizam as relações intimistas como bases para as relações sociais. (SENNET, 199, p. 379).

Ora, se nessa relação virtual em *Câmera Privê* está estabelecida uma troca de estímulos sexuais entre sujeitos mediante pagamento, podemos concluir que, neste caso, estamos diante de uma forma de prostituição virtual? Considerando que o espaço em uma sociedade organizada em rede constitui uma lógica que ultrapassa os limites geograficamente localizados, a prostituição se virtualiza no ciberespaço através dos encontros atômica e distantes, mas próximos nas condições do virtual.

Nos sites da Internet, onde (quase) todas as fantasias sexuais podem ser realizadas mediante pagamento que varia segundo a extravagância da demanda, surgiu a prostituição virtual: sexo vendido

por meio de imagens fotográficas, filmes, e mesmo “ao vivo”, via webcam (CECARELLI, 2008, p.10)

Nesse sentido, a prostituição virtual se diferencia da pornografia porque exige a interação mútua entre dois os mais sujeitos através do uso de dispositivos digitais e mediante pagamento, enquanto a pornografia se caracteriza pelo consumo de elementos sexuais audiovisuais sem a condição de estímulos recíprocos entre quem deseja e é desejado. Portanto, percebe-se em *Câmera Privê* não só o consumo pornográfico de vídeos e imagens pelos usuários, mas também uma relação comercial de corpos como objetos de consumo e desejo expostos em vitrines mundializadas.

Se na prostituição presencialmente atômica temos a figura do “cafetão” ou “cafetina” como agenciadores na relação de oferta e demanda das relações sexuais, virtualmente essa figura se incorpora ao *Câmera Privê*, que atua na mediação do consumo dos corpos enquanto objetos de desejo.

Para Baudrillard (2007), toda psicofuncionalidade do corpo, antes analisada, assume todo o seu sentido econômico e ideológico. O corpo e a beleza ajudam a vender e o erotismo, segundo ele, promove igualmente o mercado. Assim como a força de trabalho, que durante todo um processo histórico buscou-se emancipar, ao corpo busca-se libertar e emancipar para fins da lógica de produção.

Importa que o indivíduo se tome a si mesmo como objeto, como o mais belo dos objetos e como o material de troca mais precioso, para que, ao nível do corpo desconstruído, da sexualidade desconstruída, venha a instituir-se um processo econômico de rentabilidade (BAUDRILLARD, 2007, p. 178).

Considerações finais

Na observação das dinâmicas de interação, consumo e práticas sexuais realizadas no site de webcam denominado *Câmera Privê*, identificamos, de um lado, pessoas das mais diversas regiões do Brasil se utilizando do site e de seu repertório erótico para ganhar dinheiro na satisfação alheia, em meio à

adversidade de um mercado de trabalho formal em crise; e de outro, clientes levados por uma promessa utópica do gozo pleno, circunscrito a tentativas incessantes, entre frustrações e correspondências parciais. A sexualidade episódica (GIDDENS, 1992, p. 72), estabelecida como resultado da transformação da moral sexual burguesa e da intimidade, atrelada ao contexto de midiaticização ao qual estamos inseridos - e observados nesta investigação em *Câmera Privê* -, lança a sexualidade do âmbito do privado ao ápice da mundialização dos corpos em dispositivos digitais de comunicação e informação. Se outrora as famílias burguesas atuavam no controle matrimonial dos seus herdeiros e negociavam o casamento a partir de critérios econômicos, estamos em um momento em que a liberdade individual nos transforma em negociadores autônomos de nosso próprio desejo.

A virtualização das relações sociais a partir do uso de dispositivos digitais dispensa que os interagentes nessa relação mediada precisem estar no mesmo espaço e ao mesmo tempo para que a interação aconteça, tornando consideravelmente mais fácil para os indivíduos atuar em vários palcos simultaneamente. Nossas possibilidades de experimentação sensorial com o corpo estão, a cada dia, alcançando níveis cada vez mais avançados. Virtualizamos nossa presença, nosso desejo, prazer e sentidos. Tornamo-nos frutos de uma sociedade que nos faz sujeitos únicos, subjetivos, mas que paradoxalmente nos homogeneiza em massa e objeto de consumo e para consumo. E são essas alterações na sociedade que implicam em novas formas de sociabilidade e interação com propósitos sexuais. O sexo virtual se dá em *Câmera Privê*, como em um corpo pós-moderno (LEMOS, 2015) que é tecnológico (das redes sociotécnicas), signo erótico e econômico (objeto de consumo), através de falas, gestos, representações e um jogo constante de negociações.

Se por um lado a sensação de liberdade de produção intelectual e audiovisual, virtualização de nossas capacidades sensoriais, compartilhamento de informações e articulação social no ciberespaço na contemporaneidade têm encorajado discursos libertários, a indústria do entretenimento, por sua vez, nos instrumentaliza em forma de rede e lança a sexualidade em um futuro de incertezas.

O pornô não aniquila apenas o eros, mas também o sexo. A exposição pornográfica não causa apenas uma alienação do prazer sexual, mas torna-o impossível; torna impossível viver o prazer. Assim, a sexualidade se dissolve na performance feminina do prazer e na visão de desempenho masculino; o prazer exposto, colocado sob holofotes, já não é prazer. A coação expositiva leva à alienação do próprio corpo, coisificado e transformado em objeto expositivo, que deve ser otimizado. Já não é possível morar nele, sendo necessário, então, expô-lo e, assim, explorá-lo. Exposição é exploração, e seu imperativo aniquila o próprio morar. (HAN, 2017, p. 21)

Ainda que a internet nos traga possibilidades múltiplas, a sociedade consome os produtos e são usuários de dispositivos e redes sociais na internet de megaconglomerados midiáticos capitalistas. Em *Câmera Privê*, o potencial de interação e trocas de afetos (com finalidades sexuais, predominantemente) lançam o corpo à categoria de objeto de consumo e passivo de exploração pelo capital. Sujeitos são virtualmente potencializados em presença, vivência e em possibilidade de objetificação consciente.

Referências

SILVA, Allyson. 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BENJAMIN, W. **A Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica** (Org. e Prefácio - Márcio Seligmann-Silva), Tradução: Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BRUNO, FERNANDA. **Entre Aparecer e Ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea**. In: INTERCOM, 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/errata/RosaPedroFernandaBruno.pdf>. Acesso em: 10 jul de 2018.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição: o corpo como mercadoria. Mente e Cérebro - Sexo**, v.4 (edição especial), dez, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1992. 228 p.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7 ed. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2015. 295 p.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. **A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Ed. Sulina, Porto Alegre: 2009. 326 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais: uma análise sociológica por parceiros on-line**. São Paulo, Autêntica, 2017

ORENSTEIN, José. **O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet**. Nexo jornal. Disponível em: <
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/O-que-os-dados-de-uma-d%C3%A9cada-dizem-sobre-o-consumo-de-porn%C3%B4-na-internet>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. 2ª ed. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2008.

SANTOS, Bárbara Ferreira. **Apesar de expansão, acesso à internet no Brasil ainda é baixo**. Revista Exame. Disponível em: <
<https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>> Acesso em: 23 jul. 2018.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Recebido: 22 janeiro 2019

Aceito: 08 fevereiro 2019